

**As dimensões político-sociais de uma epidemia: a gripe espanhola assola  
Salvador (1918)**

Christiane Maria Cruz de Souza

Professora do CEFET-BA e  
doutoranda em História das Ciências  
da Saúde pela Casa de Oswaldo  
Cruz/FIOCRUZ.

A comunicação intitulada **As dimensões político-sociais de uma epidemia: a gripe espanhola assola Salvador (1918)** pretende discutir a epidemia de influenza que atingiu Salvador na segunda quinzena do mês de setembro de 1918 e se estendeu até o final de dezembro do mesmo ano. A literatura que trata da *influenza maligna* ou *gripe espanhola* é unânime em afirmar que esta epidemia foi a maior e mais devastadora das que grassou pelos quatro continentes – Europa, Ásia, África e Américas – nas primeiras décadas do século XX. Com um alto grau de morbidade e mortalidade, acredita-se que a *influenza* infectou mais de seiscentos milhões e vitimou mais de trinta milhões de pessoas em todo o mundo.

O nosso interesse pelo tema nasceu de uma lacuna historiográfica – dentre os trabalhos realizados sobre a epidemia de gripe espanhola no Brasil nada havia sido produzido sobre o evento ocorrido na Bahia. As dissertações, teses, artigos e livros sobre o assunto elegeram as cidades das regiões Sul e Sudeste como cenário privilegiado da sua produção.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Vide os artigos de Luiz Antônio Teixeira (1993), Medo e Morte: Sobre a Epidemia de Gripe Espanhola de 1918 e de Nara Azevedo de Brito (1997), La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, temos as seguintes dissertações e teses: BERTOLLI FILHO, Cláudio. Epidemia e sociedade: A gripe Espanhola no município de São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, em 1986; ABRÃO, Janete S. A “espanhola” em Porto Alegre, 1918. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1995; OLINTO, Beatriz Anselmo. Uma cidade em tempo de epidemia. Rio Grande e a gripe Espanhola (RS – 1918). Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, em 1996; FERREIRA, Renata B. Epidemia e drama: a Gripe espanhola em Pelotas –

O exame superficial das diversas narrativas construídas no Brasil, detecta similitudes na forma como os fatos se desenrolaram. De modo geral, a epidemia de gripe espanhola apresentou dilemas semelhantes, nascidos da necessidade de explicá-la e combatê-la. Neste sentido, os textos deixam entrever um tipo de dramaturgia comum àquela epidemia, enquanto entrelaçaram temas como medo, solidariedade, terapêuticas, políticas e responsabilidades estatais. Não obstante, é preciso considerar a complexidade das negociações acerca da definição e da resposta à doença, que envolve atores e ações diversas, em contextos, por vezes, multidimensionais.

Na nossa análise, apesar de admitirmos que a doença epidêmica é um fato biológico, indissociável de seus aspectos naturais, partiremos da premissa de que é, também, um fato social, e é nesta perspectiva que pretendemos abordar o assunto.

Ao incidir sobre a Bahia, a epidemia evidenciou as fragilidades da economia local; o facciosismo político e os conflitos daí decorrentes; o clientelismo e o nepotismo que corrompia a máquina estatal; e a precariedade do estado sanitário e dos cuidados com a saúde coletiva, em contraste com a tradição médica local representada pela Faculdade de Medicina da Bahia.

---

1918. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande, em 2001; BERTUCCI, Liane Maria *Influenza. A medicina enferma*. Tese de doutorado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, em 2002; GOULART, Adriana da C. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense em 2003; SILVEIRA, Anny J. Torres. *A influenza espanhola e a cidade planejada – Belo Horizonte, 1918*. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense em 2004. Alguns destes trabalhos foram publicados em forma de livro, a exemplo de Janete Silveira Abrão (1998), *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918*; de Renata Brauner Ferreira (2001), *Epidemia e drama: a Gripe Espanhola em Pelotas – 1918*; de Cláudio Bertolli Filho (2003), *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*; Liane Maria Bertucci (2004), *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.

É difícil precisar o momento da entrada da ‘espanhola’ na Bahia. Para o governador do estado à época, a epidemia iniciou-se em 27 de setembro de 1918.<sup>2</sup> Por sua vez, o jornal *A Tarde* informava que em 24 de setembro de 1918, “a epidemia desconhecida” já assolava a Bahia, tendo sido verificados “cerca de setecentos enfermos nos quartéis, nos hospitais, em casas particulares e em todos os centros de aglomeração de operários”.<sup>3</sup> Contudo, se considerarmos o período de transmissibilidade da doença e o intervalo de tempo necessário para que os seus primeiros sinais se manifestassem, perceberemos que o mal já estava entre os baianos antes das datas assinaladas, ainda que não tenha sido registrado pelos órgãos de imprensa nem pela Diretoria Geral da Saúde da Bahia.

Embora as autoridades baianas acompanhassem, pelos jornais, a evolução simultânea da epidemia em vários lugares do mundo, pareciam considerar remota a possibilidade de que um mal que grassava em lugares tão distantes pudesse vir a vitimar também o povo baiano. Mesmo quando os primeiros rumores da existência de uma epidemia de gripe em Salvador começaram a circular, ainda assim as autoridades não deram a devida importância — tratava-se apenas de uma enfermidade familiar à sociedade baiana que, até então, não tinha apresentado graves conseqüências. Portanto, em um primeiro momento, o governo baiano, assim como os governantes de outras partes do mundo, assumiu uma postura passiva, propalando a benignidade da doença.

Entretanto, a marcha desenfreada da doença e a pressão dos órgãos de imprensa de oposição fizeram com que fosse nomeada uma comissão de médicos para estudar a epidemia. Após ter visitado fábricas, quartéis e coletividades diversas, a comissão concluiu que não se tratava de nenhuma doença nova, apavorante pela “novidade ou pelos efeitos,

---

<sup>2</sup> ARAGÃO, Antonio Ferrão Moniz de. *Mensagem apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia na abertura da 1ª sessão ordinária da 1ª legislatura pelo governador Antonio Ferrão Moniz de Aragão*. Bahia, 1919, p.51.

<sup>3</sup> *A Tarde*, 25.09.1918, p. 01.

mas sim de gripe ou *influenza*, que sazonalmente incidia em Salvador, embora alcançasse, naquele período, um “raio mórbido muito maior”.<sup>4</sup>

A idéia de relativa benignidade da manifestação da influenza na Bahia perpassou todo o transcurso da epidemia. Sugerimos que o discurso construído pelas autoridades baianas acerca da benignidade da doença, em contraste com a comprovada virulência daquele morbo, evidencia as intrincadas relações no âmbito do poder público, relacionando-se, entre outros fatores, à necessidade de preservação de uma imagem de ‘salubridade’ daquele porto agroexportador.

Quando a ‘espanhola’ chegou à Salvador, a imagem da cidade moderna, fluida, higiênica, civilizada, construída pelo ex-governador J. J. Seabra<sup>5</sup> por meio da política de ordenação do espaço urbano, não condizia com a realidade. O processo de reforma urbana<sup>6</sup> desalojara grupos sociais inteiros, sem, no entanto, dotar a cidade de uma estrutura sanitária satisfatória. A capital baiana ainda era uma cidade que convivia com condições de saneamento precárias, com carência de serviços de água, esgoto, transporte e com altas taxas de mortalidade provocadas por males epidêmicos e endêmicos. Moléstias como a disenteria, a febre amarela, a peste, o impaludismo e a tuberculose, acometiam os

---

<sup>4</sup> Gazeta Médica da Bahia, 1918, p.151.

<sup>5</sup> Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife (1877), José Joaquim Seabra (1855-1942) ingressou na carreira política em 1889, concorrendo à Câmara dos Deputados como candidato conservador. Em 1902, foi nomeado Ministro da Justiça e Negócios Exteriores pelo então Presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906). Ministro da Viação, no governo Hermes da Fonseca (1910-1914), J.J. Seabra saiu do cargo para exercer o mandato de governador da Bahia, de 1912 a 1916. No período subsequente (1916 e 1920), exerceu o cargo de Deputado Federal pela Bahia e, entre 1920 e 1924, voltou a ocupar o cargo de Governador do Estado. Para saber mais veja: PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias, 1889-1934. A Bahia na Primeira república Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979, pp.102-126; SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República – uma política de acomodação*. Salvador, EDUFBA, 1999, pp.125-135; SOUZA, Antonio Loureiro de. *Bahianos Ilustres, 1564-1925*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949, pp.174-5.

<sup>6</sup> No primeiro governo de J. J. Seabra (1912-1916) teve início a reforma urbana de Salvador, fato comum na época a outras capitais brasileiras. A nova proposta urbanística de Salvador visava a higienização e o saneamento da cidade, eliminando quarteirões insalubres repletos de velhos sobrados, becos escuros e fétidos, calçadas repletas de ambulantes e seus tabuleiros. Para saber mais, consultar: PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador: EDUFBA, 2002.

soteropolitanos com uma freqüência desesperadora, assumindo um caráter quase endêmico. Os surtos epidêmicos eram incompatíveis com a imagem idealizada de cidade moderna, higiênica, civilizada e com uma economia baseada no agrocomércio de exportação.

A possibilidade da erupção de uma epidemia preocupava e afugentava os comerciantes e investidores estrangeiros, prejudicando a economia baiana, baseada na exportação de produtos como café, tabaco, cacau, açúcar e algodão. Se a guerra já havia diminuído a freqüência de navios mercantes no porto de Salvador, criando sérias dificuldades para a circulação de mercadorias e de passageiros, pior seria a situação em caso de epidemia.<sup>7</sup>

Além disso, a gripe espanhola irrompeu na Bahia em um período de intensa disputa política. Na Bahia da República Velha, apesar da liderança do Partido Republicano Democrata fundado e liderado por J. J. Seabra, não havia coesão política entre as oligarquias baianas.<sup>8</sup> Partidários do antigo PRB (Partido Republicano da Bahia), que congregava os representantes das oligarquias tradicionais, empreendiam uma oposição ferrenha à nova geração de políticos que integrava o grupo 'seabrista' e exercia o poder local.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Durante a Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra impôs restrições ao comércio do Brasil com a Áustria e a Alemanha. No período entre 1915 e 1916, navios brasileiros com carregamentos supostamente destinados à Alemanha foram apreendidos pela Marinha britânica (Portugal também esteve envolvido neste processo) prejudicando diretamente o comércio de exportação da Bahia (Pang, 1979, p.129). Instado a resolver a questão, o governador não demonstrou poder para tanto, ainda que recorresse aos altos escalões da República. Por conta disso, além da coalizão das forças de oposição ocorrida na primeira metade do seu mandato, Moniz de Aragão enfrentou, também, uma crescente oposição dos setores ligados ao comércio.

<sup>8</sup> Apesar da preponderância alcançada pelo PRD, não havia unanimidade política na Bahia. Segundo Pang (op. cit., pp. 128-9), havia quatro facções na oposição: os *marcelinistas* (partidários do ex-governador José Marcelino) e *severinistas* (partidários do ex-governador Severino Vieira), facções tradicionais do PRB; os *vianistas* (liderados por Luiz Vianna), do antigo PRC da Bahia; e os seguidores de Rui Barbosa, dissidentes do PRD.

<sup>9</sup> De acordo com Pang (op. cit., p. 127), ainda que representantes das diversas regiões do Estado integrassem o PRD, a elite principal do partido era formada por políticos profissionais e por representantes dos grupos urbanos de Salvador. O PRD era, portanto, um partido urbano, alimentado pelo carisma pessoal de Seabra (id. *ibid.*).

Neste contexto, as epidemias eram comumente utilizadas pela oposição para conseguir uma intervenção federal, ameaçando, assim, o princípio da autonomia dos estados e desacreditando os representantes da facção política que se encontrava no poder. A epidemia de gripe tornou-se, assim, um instrumento dos diversos grupos que disputavam o controle político do Estado.

No decorrer da epidemia, o discurso oficial reforçava o caráter relativamente brando que a moléstia assumira em Salvador. E, após um mês de intensa discussão nos órgãos de imprensa, foram tomadas todas as medidas possíveis para conter o mal, ainda que a elite médica não acreditasse na infalibilidade da profilaxia adotada no combate àquela gripe. Desta maneira, os governistas procuravam não alarmar a população, passando uma imagem de tranqüila competência na escolha e gestão das ações de saúde coletiva.

Enquanto isso, as facções que faziam oposição ao governo se aproveitavam do evento epidêmico para denunciar a crise financeira do Estado, o nepotismo que conspurcava todas instâncias da administração pública, o precário estado sanitário da Bahia e a miséria e o abandono a que estava submetida a sua população. Se por um lado a oposição desejava desacreditar e desestabilizar o grupo que se encontrava no poder, por outro, admitia que o Estado não possuía recursos financeiros para executar ou consolidar políticas públicas de saúde mais amplas.<sup>10</sup>

A influenza permaneceu na Capital durante o curto espaço de 98 dias. Neste período, 1/3 da população soteropolitana foi acometida pela doença, conforme afirmou Moniz de

---

<sup>10</sup> Consultar *A Tarde*, 08.05.1918, p.1. Fundado por Ernesto Simões Filho, o jornal *A Tarde*, maior jornal de Salvador, que se desligara de Seabra no decorrer da campanha hermetista e naquele momento exercia livremente a oposição ao grupo governista.

Aragão, governador do Estado na época, na *Mensagem...que* enviou à Assembléia Legislativa, no ano subsequente ao evento.<sup>11</sup>

A incidência da gripe espanhola em Salvador afetou negativamente as atividades produtivas, tendo em vista que a doença, quando não resultava em óbito, deixava as pessoas sem condições de trabalho por, pelo menos, três a quatro dias. Era grande o número de trabalhadores infectados pela moléstia. No curto espaço de seis dias, cerca de 52,9% dos 6.872 trabalhadores inspecionados pelo serviço público haviam contraído a gripe. Acreditamos que paralisação da produção em fábricas e em serviços diversos, em decorrência da epidemia, deva ter contribuído para agravar a situação de uma já combalida economia baseada no agrocomércio de exportação, dependente do capital estrangeiro e afetada pelos transtornos causados pela Primeira Guerra Mundial.

Depois de passada a crise, o governador Moniz de Aragão fez questão de afirmar que a Bahia foi “um dos lugares do mundo em que a epidemia de influenza foi mais benigna, menos mortífera e menos extensa”.<sup>12</sup> Sobretudo porque, numa população de cerca de 300 mil habitantes<sup>13</sup>, estimava-se que 130 mil contraíram a gripe e apenas 386 pessoas

---

<sup>11</sup> ARAGÃO, Antônio Ferrão Moniz de. *Mensagem apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia na abertura da 1ª sessão ordinária da 1ª legislatura pelo governador Antonio Ferrão Moniz de Aragão*. Bahia, 1919, p. 52

<sup>12</sup> ARAGÃO, op. cit., p. 51.

<sup>13</sup> Em 1912 a população de Salvador era de 348.130 habitantes (*Anuário Estatístico do Brasil, 1908-1912*. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística, v.1-3, 1916-1927) e, em 1920, o censo registra uma queda para 283.422 habitantes (*Recenseamento do Brasil. Realizado em 1 de Setembro de 1920. 4º censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias*. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, vol.IV, 1ª Parte, 1926). Contudo, a *Mensagem apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia na abertura da 1ª sessão ordinária da 1ª legislatura* pelo governador Antonio Ferrão Moniz de Aragão, em 1919, informa que a capital da Bahia possuía 320.000 habitantes (p.52).

morreram em decorrência da moléstia.<sup>14</sup> Era importante ressaltar esse fato, pois a Bahia era vista no resto do país como um porto ‘sujo’, disseminador de doenças pestilenciais.

Não é nosso propósito, entretanto, centrar a nossa discussão na intensidade da epidemia na Bahia; nos interessa destacar, aqui, que a irrupção da epidemia de gripe espanhola, além de complicar o já precário quadro sanitário da capital baiana, expôs “as chagas miseráveis da Bahia”<sup>15</sup>: a situação de pobreza da maior parte da população; a política oligárquica que gerava o clientelismo, a ingerência nas repartições públicas e as disputas de poder entre as diversas facções políticas; bem como a falta de recursos financeiros do estado e do município, que inviabilizavam a implementação de políticas públicas de saúde.

---

<sup>14</sup> ARAGÃO, Antônio Ferrão Moniz de. *Exposição apresentada pelo Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão ao passar o governo da Bahia ao seu sucessor, o Exmo. Sr. Dr J. J. Seabra empossado nesse dia no cargo de governador do estado no quadriênio de 1920 a 1924*. Bahia, 1920, pp.84-98.

<sup>15</sup> *Diário da Bahia*, 06.10.1918, p. 1.